

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Arqueologia e Antropologia
Licenciatura em Antropologia

**“Vista o que quiser mas respeite as regras”: Uma etnografia
sobre práticas e narrativas sobre vestuário, na cidade Maputo**

Autor:

António F. Zumba

Supervisor:

Emídio Gune

Maputo, Dezembro de 2019

“Vista o que quiser mas respeite as regras”: Uma etnografia sobre práticas e narrativas sobre vestuário, na cidade de Maputo

Trabalho de Culminação de Estudos apresentado na modalidade de projecto de pesquisa ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia.

Autor

António F. Zumba

Supervisor

Presidente

Oponente

Maputo, Dezembro de 2019

Declaração de honra

Eu, António Fernando Zumba, declaro por minha honra que este relatório de pesquisa é original e resulta do meu empenho e dedicação. Que o mesmo nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente para a obtenção de qualquer grau académico. Declaro ainda que estão indicadas ao longo do trabalho e nas referências bibliográficas as fontes de informação por mim utilizadas para sua elaboração.

António F. Zumba

Maputo, Dezembro de 2019

Dedicatória

A todos que extraem da dificuldade o melhor de si. E àqueles que partilham o que são e o que têm com quem precisa.

Agradecimentos

Ao Emídio Gune, meu orientador e oponente por antecipação, agradeço sua exigência, espírito crítico, sugestões e disponibilidade ao longo da realização deste trabalho.

Aos docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia, agradeço a experiência e os conhecimentos partilhados, especialmente ao Hélder Nhamaze, Johane Zonjo, Sandra Manuel, Danúbio Lihabe, Margarida Paulo e Esmeralda Mariano. Sou igualmente grato à Andréa Moreira pelas sugestões.

Aos participantes de pesquisa, principais actores neste trabalho, agradeço a intimidade e experiências partilhadas, a atenção e paciência demonstradas. À Raquel, Fátima, Marta, Márcia, ao Hólmio.

Aos meus colegas da turma de Antropologia 2015, Quiséria Toalha, Orlando Quive, Hermínio Manhiça, Zuhebe Abibo, e em especial os meus colegas do grupo de supervisandos Alberto Macuvele, Percília Iguane, Cadry Mussagy, Berlarmina Tamele, Henrique Chissano e Tatiana Banze por todos momentos de aprendizagem e de descontração.

Sou igualmente grato aos meus pais, Fernando Zumba e Julieta Zumba por tudo e mais alguma coisa. Aos meus irmãos Omar, Aida, Maimuna e Lucrécia pela amizade e suporte. Ao meu cunhado Micas Mate pela amizade e apoio ao longo da formação. Ao meu sobrinho e amigo, Fernando Omar pela cumplicidade e incentivo. Agradeço a vovó Olinda pelo acolhimento e solidariedade durante a formação. Aos meus amigos, Arcénio de Moisés, meu companheiro do infortúnio e da superação que tanto recusa ser Arsénio, pelo apoio durante o trabalho de campo, ao Mário Mazive e Elias Muianga pelo incentivo.

A todos e a tudo, minha gratidão!

Resumo

O presente trabalho analisa práticas e narrativas sobre vestuário na cidade de Maputo. Da literatura analisada sobre vestuário identifiquei duas linhas de abordagem das quais a primeira explica a dinâmica dos significados expressos e reproduzidos através do vestuário, e a segunda explica a organização e classificação das práticas sobre vestuário a partir de regras e valores “próprios” de cada contexto social. Essa literatura permite compreender que o vestuário é um mediador de relações sociais, e que tanto vestuário quanto o vestir são classificados e organizados de acordo com o esquema social. Entretanto, ficam por compreender práticas e narrativas sobre vestuário que explicam o processo de vestir no quotidiano das pessoas.

Para melhor compreender essas práticas e narrativas realizei uma pesquisa etnográfica exploratória entre um grupo de pessoas, na cidade de Maputo, e a partir da análise dos dados da pesquisa percebi que existe um processo de estabelecimento de regras sobre vestir por meio de práticas e narrativas. Esse processo, no contexto da pesquisa, iniciou em casa e expandiu à medida que os participantes alargaram seus espaços de interação e de relações e, conseqüentemente, seus horizontes sobre as possibilidades de vestir. Percebi, ainda, que no dia-a-dia os participantes têm o contexto como referência para seleccionar e organizar o vestuário. Ao tomar o contexto como referência, vestem e fiscalizam uns aos outros sobre a observância dos padrões de vestir estabelecidos no contexto em que estão inseridos. As pessoas que vestem de forma desajustada ao contexto são chamadas a respeitar as regras.

Esses resultados permitem compreender que no quotidiano o processo de vestir é orientado por diversas práticas e narrativas que tornam possível a manutenção da regra que preconiza vestir de acordo com o contexto, mesmo que as pessoas alarguem seus horizontes sobre as possibilidades de vestir.

Palavras-chave: Vestuário, práticas e narrativas, contexto e controlo social.

Índice

Declaração de honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Resumo.....	iv
1 Introdução.....	1
2 Revisão de Literatura.....	4
3 Quadro teórico e conceptual.....	13
3.1 Enquadramento teórico.....	13
3.2 Conceptualização.....	13
4 Procedimentos Metodológicos	15
4.1 Método e etapas da realização do trabalho de pesquisa	15
4.2 Processo de recolha e registo de dados.....	16
4.3 Tratamento e análise de dados.....	17
4.4 Processo de selecção dos participantes.....	18
4.5 Constrangimentos no processo de recolha de dados	18
4.6 Notas sobre aspectos éticos	19
4.7 Perfil dos participantes	20
5 Práticas e narrativas sobre vestuário.....	21
5.1 Caracterização dos contextos da pesquisa.....	21
5.2 Regras sobre vestir e o processo de aprendizagem.....	22
5.3 Processo de vestir	27
5.3.1 A aquisição do vestuário	27
5.3.2 Contextualidade do vestir.....	29
5.3.3 Fiscalizar o vestir dos outros e desaprovar o “mal vestir”	39
6 Considerações finais.....	42
Referências.....	44

1 Introdução

O presente trabalho analisa práticas e narrativas sobre vestuário. A pesquisa resulta de um trabalho etnográfico entre um grupo de pessoas na cidade de Maputo. O interesse em estudar sobre o assunto surgiu a partir de algumas observações por mim feitas na sala 204 da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, durante as aulas e aos intervalos, e no bairro de Maxaquene “C”, na cidade de Maputo.

Durante a observação nos referidos espaços, quatro aspectos chamaram minha atenção. Quanto ao que observei na sala, primeiro é que duas das colegas de turma de Antropologia 2015 de vez em quando se faziam à sala de saias acima de joelho, blusas transparentes ou com um decote que deixava parte dos seios à vista. Alguns colegas, de ambos sexos, riam, comentavam coisas como “essa gaja não está bem” ou dirigiam-se a colega e diziam “yah, você é maluca mesmo! Isto já é sua casa”. O segundo aspecto é que elas puxavam constantemente a saia cobrindo a coxa ou colocavam algum lenço sobre as coxas até aos joelhos. O terceiro aspecto que aguçou o meu interesse, além desses cenários em que essas duas colegas eram o foco, foi quando três dos meus colegas se fizeram a sala de aulas de camisetas, calções e sapatilhas, em dias diferentes, e houve reacções similares àquelas referidas anteriormente.

Quanto ao que observei no bairro de Maxaquene “C”, e relativamente ao quarto aspecto, notei que nas conversas com alguns residentes do bairro eram frequentes os comentários sobre o como os outros vestem. Por esses e outros motivos, interessei-me em estudar práticas e narrativas sobre vestuário.

Para prosseguir com esse objectivo, fiz a revisão da literatura sobre vestuário. Da literatura analisada identifiquei duas linhas de abordagem das quais a primeira explica a dinâmica dos significados expressos e reproduzidos através do vestuário (Assunção 2018; Crane e Bovone 2006; Dos Santos 2019; Hansen 2004) e a segunda explica a organização e classificação do vestir a partir de valores e regras do contexto social em que as pessoas estão inseridas (Bourdieu 2007; Corrêa e Dubeux 2015; Eicher e Roach-Higgins 1992; Junod 1996; Timbane 2012; Manwa e Ndamba 2011; Mezabarba 2015; Norogrande 2010; Sahlins 2003; Silva 2015; Teófilo 2010; Wittmann 2019). Essa literatura permite compreender que o vestuário é um mediador de relações sociais, e que tanto o vestuário quanto o vestir são classificados e

organizados de acordo com o esquema social. Entretanto, ficam por compreender práticas e narrativas sobre vestuário que explicam o processo de vestir no quotidiano das pessoas.

Diante dessa limitação, realizei uma pesquisa etnográfica entre um grupo de pessoas na cidade de Maputo, em contextos como o de casa, “zona”, trabalho, igreja, praia, festas de aniversário e casamento, orientado pela Teoria de Estruturação proposta por Giddens (2003) na qual defende que a ordenação recursiva das práticas sociais é assegurada pela reflexividade dos actores sociais.

A partir da análise dos dados da pesquisa compreendi que existe um processo de estabelecimento de regras que inicia nos primeiros anos de vida das pessoas. Para os participantes esse processo iniciou em casa. Nessa fase, figuras como pai, mãe e/ou outras pessoas da família participaram do processo. Nessa fase os participantes aprenderam regras como a correspondência entre o vestuário e o imaginário sobre masculino e o feminino, e a vestir de acordo com o contexto. Numa fase posterior, ampliaram seus horizontes sobre as possibilidades de vestir à medida que alargavam os seus espaços de interacção e de relações.

A análise do material etnográfico sugere ainda, que no seu quotidiano, os participantes definem como vestir a partir do contexto para onde vão. Os participantes têm o contexto como referência para seleccionar e organizar o vestuário. No dia-a-dia, vestem e fiscalizam constantemente uns aos outros sobre a observância de regras que regulam o vestir em cada contexto em que se movem. As pessoas que, eventualmente, vestem de forma desajustada ao contexto são chamadas a seguir essas regras.

Esses resultados permitem compreender que no quotidiano o processo de vestir é orientado por diversas práticas e narrativas que tornam possível a manutenção da regra que preconiza vestir de acordo com o contexto, mesmo que as pessoas alarguem seus horizontes sobre as possibilidades de vestir.

Os resultados desta pesquisa podem ser úteis para estudos sobre vestuário e as intersecções que este constructo permite explorar sobre as instituições sociais. Esses resultados também podem ser úteis para profissionais que trabalham no campo da criação do vestuário – ou *design* de vestuário.

O presente trabalho está organizado em seis partes. Na primeira parte apresento a introdução e enuncio a problemática, a motivação para escolha do tema e a relevância da pesquisa, e na segunda apresento a revisão da literatura sobre vestuário. Na terceira parte apresento o quadro teórico e os conceitos-chave do trabalho, e na quarta parte apresento os procedimentos metodológicos adoptados durante a realização da pesquisa. Nessa parte apresento o método, descrevo as etapas da pesquisa, as técnicas de recolha e registo de dados, tratamento e análise de dados, os constrangimentos que surgiram no processo de recolha de dados, notas sobre aspectos éticos e o perfil dos participantes.

Na quinta parte apresento e analiso os dados em duas secções. Na primeira secção analiso dados relativos as regras sobre vestir e o processo de aprendizagem dessas regras, e na segunda secção analiso dados sobre o processo de vestir. Na sexta e última parte apresento as considerações finais.

2 Revisão de Literatura

Nesta parte do trabalho apresento as linhas de abordagem sobre vestuário. Da literatura analisada identifiquei duas abordagens das quais a primeira explica a dinâmica dos significados expressos e reproduzidos através do vestuário (Assunção 2018; Crane e Bovone 2006; Dos Santos 2019; Hansen 2004) e a segunda explica a organização e classificação do vestir a partir de valores e regras do contexto social em que as pessoas estão inseridas (Bourdieu 2007; Corrêa e Dubeux 2015; Correia e Maciel 2008; Eicher e Roach-Higgins 1992; Junod 1996; Timbane 2012; Manwa e Ndamba 2011; Mezabarba 2015; Norogrande 2010; Sahlins 2003; Silva 2015; Wittmann 2019).

A primeira linha de abordagem é sustentada por Crane e Bovone (2006) numa análise do processo de criação e atribuição de significados ao vestuário, a partir do sistema italiano de “moda”. As autoras defendem que o vestuário expressa valores e significados, e permite perceber como esses valores associados às identidades sociais são expressos e percebidos ao longo do tempo.

As ideias de Crane e Bovone (2006) permitem compreender que o vestuário possui significados dos quais as pessoas se apropriam por meio do seu uso. Porém, parece problemático assumir que o vestuário possui significados que as pessoas acedem a partir da sua aquisição e uso porque se assume implicitamente que em diferentes contextos sociais as pessoas partilham dos mesmos valores sobre o mesmo vestuário.

Com ideias parcialmente diferentes, Hansen (2004) ao analisar os efeitos da globalização no vestuário em algumas regiões de África, América latina, Europa e Ásia, argumenta que processos globais redefinem os limites de Norte e Sul. Hansen (2004) afirma que o consumo do vestuário, novo ou de segunda-mão, numa altura em que todos querem novidades, é um fenómeno global em termos de distribuição e uso.

Para Hansen (2004) os consumidores combinam peças de vestuário importado e adaptam-nas às suas identidades pessoais e colectivas. A contribuição de Hansen (2004) permite compreender estratégias de incorporação do vestuário produzido em certos contextos sociais que viabilizam a sua adaptação em outros, porém ficam por compreender outras situações que sustentam essa incorporação.

Uma análise análoga a de Hansen (2004) é desenvolvida por Corrêa e Dubeux (2015) sobre o consumo de vestuário em segunda mão entre jovens do Rio de Janeiro. Corrêa e Dubeux (2015) argumentam que a busca por vestuário em segunda mão é motivada por ser de baixo custo e exclusivo. Adicionalmente, os referidos autores destacam um ritual de purificação e de atribuição de novo significado das roupas que marca a sua incorporação aos valores dos novos proprietários. As explicações de Corrêa e Dubeux (2015) permitem compreender que as pessoas consomem o vestuário em segunda mão por este ser de baixo custo e por proporcionar a exclusividade, porém fica por compreender outros critérios que condicionam a selecção de vestuário no acto da compra.

Numa análise similar a anterior, Dos Santos (2019) analisa a relação que os *Sapeurs*¹ residentes em Paris estabelecem com o vestuário e as relações que produzem por meio deste. A autora defende que o vestuário usado pelo *Sapeurs* permite a eles integrar num grupo, a *Société des Ambianceurs et des Personnes Élégantes* (SAPE)². De acordo com Dos Santos (2019), os *Sapeurs* têm o vestuário como parte da criação de um papel social e de um espaço de produção da auto-estima. Para a autora a identidade *sapeur* é constituída por roupas de luxo, a forma como combinam-nas e pela elegância enquanto valor social.

O estudo de Dos Santos (2019) se por um lado permite perceber que o vestuário de luxo, a elegância ou a maneira vestir constitui a identidade dos *sapeurs*, por outro fica por compreender a inserção dessas pessoas em contextos estruturados por outros valores e regras.

Diferentemente de Dos Santos, Assunção (2018) analisa a composição, interações, conexões, efeitos e diferenças que as capulanas *fazem-fazer* na vida das mulheres da província de Nampula, no norte de Moçambique. A autora explica que as mulheres de Nampula têm a capulana como objecto intrínseco ao seu quotidiano e como mediadora de interação e relações que essas mulheres estabelecem entre si e com outras pessoas. A capulana é, por um lado, vestuário ou parte do vestuário das mulheres de Nampula e acompanha um modo de vestir marcado pela competição, e por outro lado é marcador de diferenciação entre as mulheres do litoral – macuas *naharrás* – e macuas do interior.

¹*Sapeurs* são homens congolezes que têm a elegância como um modo de estar e uma finalidade em si.

²No Congo a sigla designa a *Société des Ambianceurs et des Personnes Élégantes* (Sociedade dos “Ambientadores” e das Pessoas Elegantes – traduzido directa).

Ao longo do seu trabalho, Assunção (2018) procura compreender como as distinções entre pessoas e coisas permitem perceber como se formam e operam na sua interacção, a considerar que a existência das coisas não está “subordinada à esfera da existência humana” (Assunção 2018: 68). A autora opõe-se a ideia de que a capulana possui significados e defende uma conexão entre pessoas e coisas. Essa conexão, segundo Assunção (2018) permite uma coexistência e capacidade de cada um desses seres fazer diferença num dado ambiente. Nesse sentido, a capulana conecta e medeia as relações produzidas e reproduzidas no dia-a-dia das mulheres do seu estudo. As ideias de Assunção (2018) permitem perceber que a capulana é parte do vestuário das mulheres de Nampula e da sua vida social, e permite discorrer relações e narrativas sobre os seus significados.

De um modo geral, esta abordagem realça a relevância do vestuário nas relações sociais e nos processos identitários, e permite compreender que o vestuário é um mediador de relações sociais. Porém, ficam por compreender algumas disposições sociais que possibilitam essa mediação.

Diferentemente da primeira abordagem, a segunda explica a organização e classificação do vestir a partir de valores e regras do contexto social em que as pessoas estão inseridas. Nesta abordagem identifiquei dois posicionamentos. O primeiro conjunto de autores explica as práticas e discursos sobre vestuário a partir de gostos e identidades (Bourdieu 2007; Corrêa e Dubeux 2015; Correia e Maciel 2008; Mezabarba 2015; Norogrande 2010). O segundo conjunto de autores defende que o vestir é regulado por valores e regras (Eicher e Roach-Higgins 1992; Junod 1996; Manwa e Ndamba 2011; Sahlins 2003; Silva 2015; Teófilo 2010; Timbane 2012; Wittmann 2019).

Um dos autores que subscreve o posicionamento de que as pessoas comunicam gostos e identidades é Bourdieu (2007). Num estudo sobre a distinção de classes, baseado numa lógica de estratificação social, Bourdieu (2007) analisa factores que influenciam a construção, reprodução e julgamento do gosto no contexto da França do século XIX. Para Bourdieu (2007) a lógica de produção e consumo do vestuário está inserida num sistema de constante transformação dos gostos. Esses gostos seriam o resultado de disposições adquiridas a partir de experiências colectivas, e de um processo histórico que impõe, de forma “naturalizada”, certos modos de vestir distintos entre as classes. Essas maneiras de vestir teriam sentido e valor no sistema de sinais distintivos e de posições sociais.

Para Bourdieu (2007) enquanto as classes populares valorizam a função, o baixo preço e a durabilidade do vestuário, as classes dominantes valorizam vestuário dispendioso, sua forma e boa apresentação. As preferências no vestuário estão organizadas e estruturadas segundo o “espaço social determinado pelo volume e pela estrutura do capital cultural” que formam o *habitus*³ (ibid.: 196). As classes existem por meio da luta pela apropriação exclusiva de sinais distintivos. O vestuário opera como um marcador de distinção social (Idem).

As explicações de Bourdieu (2007) permitem compreender que as pessoas expressam gostos e preferências que as distinguem dos outros grupos a partir da referência a pertença a uma classe social. Porém, fica por compreender como outros factores além da classe participam na organização do vestir no quotidiano das pessoas.

Parcialmente diferente de Bourdieu (2007), Norogrande (2010) defende que a distinção de classes sociais através do vestuário assume outras formas. O autor explica que conceitos como *Eco-Design*⁴, que promovem produtos ecologicamente correctos e exigem maior investimento, reforçam a ideia de distinção de classes. Para Norogrande (2010) a evidência dessa distinção é o movimento psicossocial contrário a preferência das massas. A explicação deste autor permite perceber o desenvolvimento de novas formas de distinção entre classes na contemporaneidade, entretanto ficam por compreender outras dinâmicas de diferenciação, seja entre grupos ou dentro deles, desassociadas da lógica de classes sociais.

Ideia similar a de Norogrande (2010) é apresentada por Mezabarba (2015) ao analisar práticas e interpretações do conceito de moda entre um grupo de mulheres no Rio de Janeiro. Para autora o gosto é uma variável ancorada a situação. E, uma situação implica a monitoria mútua num espaço físico, da conformidade a organização do quotidiano das pessoas num certo contexto cultural. Adicionalmente, Mezabarba (2015) explica que a interacção em determinadas situações possui um peso significativo na escolha de roupa.

As explicações de Mezabarba (2015) permitem compreender que o gosto é regido pela normalidade presente e reconhecida nas relações que as pessoas estabelecem em situações

³*Habitus* é o conjunto de disposições adquirido e condicionado pelo espaço social e grau de instrução que o indivíduo possui. Esse conjunto é constituído por conhecimentos e valores que interferem no julgamento do “gosto” no que se come, veste, fala, vê, e no modo como isso é feito.

⁴*Eco-Design* é um conceito usado nos debates sobre sustentabilidade social, económica e ecológica que refere a conjunto de princípios de produção, gestão e consumo de todos recursos.

particulares. Porém, fica por compreender como é que ocorre a monitoria e quais as implicações da desconformidade a situação.

Quanto aos autores que sustentam que valores e regras regulam o vestir, Eicher e Roach-Higgins (1992) defendem que as pessoas comunicam e informam sobre papéis de género por meio do vestuário. Tipos de vestuário e suas propriedades específicas comunicam a diferenciação que regula o comportamento de mulheres e homens durante as suas vidas. As propriedades do vestuário são constituídas pela cor, forma, textura e *design*.

Ainda segundo Eicher e Roach-Higgins (1992) a distinção entre ambos sexos pode ser expressa a partir de detalhes mínimos no vestuário, quando as formas do vestuário e suas propriedades são largamente partilhadas ou similares. Para Eicher e Roach-Higgins (1992) é a linguagem que reforça as regras sociais de vestuário para “um rapaz”, “uma rapariga”, “um homem”, “uma mulher”. E, as crianças aprendem através das suas tentativas e erros a manipular seu próprio vestuário de acordo com as regras de idade e género à medida que crescem e desenvolvem físico e socialmente.

As explicações de Eicher e Roach-Higgins (1992) permitem captar imagens e papéis de género expressos através do vestuário, entretanto ficam por compreender cenários em que essas imagens são alteradas e o que sucede.

Com ideias similares as de Eicher e Roach-Higgins (1992), Teófilo (2010) ao analisar o papel atribuído ao vestuário na construção da identidade de género na infância, observa que ainda nessa fase específica da vida as crianças são ensinadas pelos pais o que devem vestir e como vestir. Para esta autora ainda na gravidez, somos pensados como homens ou mulheres, masculinos ou femininos. Os pais projectam sobre os seus filhos um perfil masculino ou feminino por meio de nome e do vestuário, em conformidade com valores, expectativas e experiências partilhados no contexto social e cultural em que estão inseridos.

Ainda segundo Teófilo (2010) as mães assumem as tarefas ligadas ao vestuário desde a compra à sua conservação. A autora explica que essa constatação revela a ligação construída e naturalizada entre a mulher e as actividades domésticas (Idem). Em contraste, o homem apresenta-se e é apresentado como incompetente em matérias de vestuário. A autora conclui

que a reprodução de normas e práticas no cotidiano permite a continuidade desse imaginário sobre as identidades de género.

O estudo de Teófilo (2010) permite compreender que os pais e o meio social contribuem para construção da identidade de género dos seus filhos através da reprodução de práticas e valores associados ao vestuário e a essas identidades, porém fica por compreender como as pessoas se relacionam com esses valores no decurso das suas vidas.

Parcialmente diferente da análise de Teófilo (2010), Silva (2015) analisa as representações performativas de género entre um grupo de dançarinos de passinho, no Rio de Janeiro. Para o autor os jovens dançarinos de passinho adoptam modos de vestir tidos como femininos, de “viados”, que lhes dá acesso a determinados espaços de sociabilidades como bailes de *funk carioca*⁵ e concursos de dança. O autor explica que alguns jovens dançarinos usam *leggings*⁶, *piercing*⁷ na língua e no nariz, blusas e aplicam verniz nas unhas como práticas que lhes permite visibilidade e construção de uma identidade própria nos bailes e apresentações de dança.

O estudo de silva (2015) permite compreender como contextos performativos abrem possibilidades outras de pensar masculinidades. Porém, perde de vista outros contextos ou espaços de sociabilidades orientados por normas e valores específicos.

Num estudo similar ao de Silva (2015), Wittmann (2019) analisa a moda enquanto uma tecnologia de género nas experiências das pessoas “transgénero”. Segundo Wittmann (2019) as pessoas propagam significados através do vestuário e manifestam pertença a uma colectividade. As pessoas expressam por meio do vestuário a sua individualidade e informam sobre a conformidade ao que é entendido como feminino ou masculino. Essa conformidade é marcada, em certas situações, por relações conflituosas entre a pessoa “transgénero” e as outras a sua volta. As explicações de Wittmann (2019) se por um lado permitem compreender que as pessoas “transgénero” expressam sua identidade de género por meio do vestuário e

⁵ O *Funk Carioca* é um estilo musical oriundo das favelas do estado de Rio de Janeiro, no Brasil.

⁶ *Leggings* são calças justas que vão da cintura pélvica até os tornozelos, geralmente usadas em práticas desportivas, e também no dia-a-dia. A versão masculina é designada *meggings*, e possui detalhes relativamente distintos das *leggings*.

⁷ *Piercing* é um termo usado para referir, neste caso, a uma peça de metal colocada na pele, ou inserida na língua, orelha ou no nariz.

medeiam suas relações com os outros por meio deste, por outro descarta a explicação do desenrolar dessa mediação.

À semelhança de Wittmann (2019), Timbane (2012) analisa os processos de afirmação de identidades de mulheres que fazem sexo com outras mulheres na cidade de Maputo. O autor defende que estas construíram as suas identidades ao longo do tempo. A partir do momento em que eram chamadas de “Maria-rapaz”, passaram a se identificar como “Maria-rapaz” e integraram-se em grupos de outras “Maria-rapaz”. Adicionalmente, o autor conclui que as mulheres do seu estudo afirmam as suas identidades a partir da adopção de modos de vestir tidos como masculinos, como o uso de calças *jeans* largas e camisetas, fatos masculinos para cerimónias como casamentos.

As contribuições de Timbane (2012) se por um lado permitem compreender que as mulheres do seu estudo adoptaram modos de vestir tidos como masculinos para afirmar as suas identidades, por outro perde de vista as reacções sociais fora dos seus grupos identitário.

Uma análise parcialmente diferente da apresentada por Timbane (2012) é encontrada no estudo de Manwa e Ndamba (2011) entre os Dzimbabwe, em Mazvingo no Zimbabué. As autoras analisam os significados comunicados pelo vestuário e práticas culturais dos Dzimbabwe. Para Manwa e Ndamba (2011) roupas com significados negativos como mini saias, vestidos que expõem coxas, peito e ombros são associadas a intenção de atrair a pessoa do sexo oposto, ao desrespeito pela família por contrariarem a boa moral.

Ainda segundo Manwa e Ndamba (2011) os líderes tradicionais, curandeiros e/ou mediadores espirituais incorporam peles de animais no seu vestuário, que são culturalmente significativas, em rituais ou cerimónias tradicionais. Nessas cerimónias o uso de sapatos e perfumes, por exemplo, é tido como uma violação das normas e valores estabelecidos. A pessoa que viola as regras é sancionada a medida do conhecimento ou não sobre essa prática cultural. O vestuário e as práticas de vestir imprimem crenças, valores e normas que orientam a interacção e as relações constituídas entre os Dzimbabwe. As explicações de Manwa e Ndamba (2011) permitem compreender que as pessoas adoptam formas de vestir segundo a normalidade do contexto em que estão inseridas, e a violação desta incorre a sanções.

Ideias similares as de Manwa e Ndamba (2011) são apresentadas por Junod (1996), num trabalho etnográfico realizado no sul de Moçambique entre os Tsongas⁸. O autor descreve práticas de vestir dos tsongas e as transformações, continuidades e descontinuidades ocorridas ao longo do tempo. O autor refere que os tsongas vestiam peles de animais, geralmente diferentes entre homens e mulheres, “mais novos”, jovens e “pessoas mais velhas”. Segundo Junod (1996) os tsongas vestiam de acordo com as diferentes situações como a procura por uma mulher para casar, em que o pretendente se distingue dos amigos que o acompanham pelo cinto de pele de leopardo ou de gato bravo, e cerimónias como *lobolo*⁹ e ritos de iniciação.

Ainda de acordo com Junod (1996) ao longo do tempo as mulheres passaram a vestir capulanas, e em alguns lugares as mulheres *tsongas* ou *changanas* adoptaram tecidos europeus de que faziam saias plissadas duas vezes que mantinham o modelo do seu antigo vestuário tsonga de peles. As mulheres já cristãs adoptaram vestidos, saias de modelos europeus e alguns homens regressados de Joanesburgo passaram a vestir camisas, calças, casaco e cinto de seda. O autor salienta que os tsongas consideravam o vestuário “mais um adorno que como uma protecção contra frio e calor” (ibid.: 92).

As descrições de Junod (1996) se por um lado permitem compreender que os tsongas vestiam de acordo com os valores partilhados no seu contexto social e que com as transformações sociais causadas por migrações e contacto com outros povos adoptaram novos modos de vestir, por outro ao reduzir o vestuário dos tsongas ao enfeite, negligencia a relevância das diferentes maneiras de vestir dos tsongas na ordenação do seu quotidiano.

Uma abordagem diferente da exposta por Junod (1996) é apresentada por Sahlins (2003) numa análise sobre os significados comunicados no sistema de vestuário norte-americano em que demonstra a correspondência desse sistema vestuário com as categorias culturais e as relações entre elas, para sustentar o argumento de que a ordem cultural estrutura a ordem material.

⁸*Tsongas* são um grupo etnolinguístico do sul de Moçambique, também encontrados na região ocidental da África do Sul.

⁹*Lobolo* é um sistema de compensação matrimonial em que a família do noivo oferece bens à família da noiva em troca do casamento. O *lobolo* compreende a forma de se estabelecer alianças entre duas famílias e de reconciliar problemas presentes ou passados com os ancestrais.

Para Sahlins (2003) o sistema de vestuário norte-americano constitui uma ordem de objectos significativos, cuja utilidade consiste em sua significação no esquema cultural. Na sua análise, Sahlins (2003) explica que os homens usam calças e as mulheres usam saias porque são dois seres que correspondem a duas categorias culturais diferentes, e essa diferença é imposta a ordem material.

Ainda de acordo com Sahlins (2003) o que é produzido são as diferenças significativas entre as categorias, como por exemplo, feminilidade e masculinidade. As roupas do trabalho diferem das do espaço doméstico-familiar, as de fim-de-semana das dos dias úteis, as nocturnas das diurnas. Essa diferenciação corresponde aos significados produzidos nas relações sociais que constituem a ordem cultural, não necessariamente as necessidades e características biológicas ou a sua utilidade prática.

As explicações de Sahlins (2003) permitem compreender que o valor de uso do vestuário está nos significados produzidos nas relações que as pessoas estabelecem dentro de um contexto cultural determinado, porém, fica por compreender o processo de gestão desses significados na interacção e nas relações no quotidiano das pessoas.

De uma forma genérica, os autores que subscrevem a segunda abordagem explicam a organização e classificação das práticas sobre vestuário a partir de regras e valores próprios de cada contexto social. Esta abordagem permite compreender que valores e regras organizam e classificam o vestuário e o vestir, porém ficam por compreender disposições que permitem a gestão dessas regras no quotidiano.

No geral a literatura analisada permite compreender que o vestuário é um mediador de relações sociais, e que tanto o vestuário quanto o vestir são classificados e organizados de acordo com o esquema social. Entretanto, ficam por compreender práticas e narrativas sobre vestuário que explicam o processo de vestir no quotidiano das pessoas.

3 Quadro teórico e conceptual

3.1 Enquadramento teórico

Neste trabalho oriento-me pela teoria da estruturação proposta por Giddens (2003) na qual o autor defende que a ordenação recursiva das práticas sociais é assegurada pela reflexividade dos actores sociais.

Para Giddens (2003) as práticas sociais são criadas por actores sociais e continuamente recriadas por eles através dos recursos que permitem que se expressem como actores. Os actores sociais produzem condições que possibilitam a existência dessas práticas. Nesse sentido, o autor estabelece um equilíbrio entre os conceitos de acção, significado e subjectividade, por um lado, e as noções de estrutura e coerção por outro. Giddens (2003) entende estrutura como referente a regras (e seus recursos), às propriedades que permitem a existência de atributos de estruturação que possibilitam a existência de práticas nitidamente similares por variações de tempo e espaço. As regras, no entanto, estão relacionadas com a constituição de significados e com o sancionamento das formas de conduta social.

Para Giddens (2003) a continuidade de práticas pressupõe a reflexividade, e esta se torna possível por meio da continuidade dessas práticas aparentemente permanentes num espaço e tempo determinados. A reflexividade possui um carácter de monitoramento do fluxo contínuo da vida social, em que os actores sociais manifestam suas acções com a mesma expectativa sobre os outros. Esse monitoramento depende do processo de racionalização relativamente ao cenário onde a interacção acontece. A racionalização da acção, entretanto, dentro da diversidade de contextos de interacção constitui a base através da qual a habilidade de compreensão dos actores é avaliada por outros.

A teoria de Giddens (2003) permitiu-me compreender as práticas e narrativas sobre vestuário, a contextualidade do vestir e a fiscalização e sancionamento de práticas sobre vestuário, bem como a regra que orienta essas práticas no quotidiano dos participantes.

3.2 Conceptualização

Nesta parte do trabalho apresento os conceitos que operacionalizo na leitura dos dados etnográficos, nomeadamente: contexto e controlo social.

Contexto

Para Dilley (2002) contexto é um conjunto de conhecimentos e acções que ganham sentido dentro um corpo de relações. Na mesma ordem de ideias, Pereira (2007) refere que esses conhecimentos (que podem ser valores e regras), acessíveis por meio de uma linguagem, são produtores e produtos das relações que as pessoas estabelecem umas com as outras.

Neste trabalho adopto o conceito de contexto compreendido como um corpo de conhecimentos e acções partilhados e reconhecidos por um grupo de pessoas. Este conceito me permite compreender diferentes práticas e narrativas sobre vestuário, objecto de análise do presente trabalho.

Controlo social

Para Lakatos e Marconi (1990) o controlo social é um conjunto de sanções positivas e negativas a que um grupo recorre para assegurar a conformidade das condutas aos padrões estabelecidos. Os membros desse grupo partilham significados comuns na ordenação do seu dia-a-dia, facto que permite que todos sejam vigilantes e vigiados simultaneamente.

Para Ferreira (2000) o controlo social é caracterizado por dois modos de adesão a ordem: interna e externa. O interno manifesta-se através da adesão voluntária a ordem social/moral dentro dos critérios de diferenciação do “certo” e “errado”. O externo releva as reacções negativas dos outros e das sanções externas ao indivíduo. Entretanto, Foucault (1975) citado por Alvarez (2004) refere que a noção de controlo social está intrinsecamente ligada as noções de poder e de disciplina. Porém, esclarece que as relações de poder são heterogenias, convergentes na interacção em contextos particulares e desmembradas da binariedade dominador/dominado.

Neste trabalho adoptei o conceito de controlo social proposto por Lakatos e Marconi (1990) entendido como um conjunto de sanções positivas e negativas que permite a um grupo assegurar a conformidade das condutas aos padrões estabelecidos.

4 Procedimentos Metodológicos

Nesta parte do trabalho apresento os procedimentos metodológicos adoptados durante a realização da pesquisa. Dividi esta parte em sete secções, na primeira apresento o método e etapas da realização do trabalho de pesquisa, em seguida descrevo o processo de recolha e registo, na terceira o tratamento e análise de dados. Na quarta secção explico o processo de selecção dos participantes, na quinta secção apresento os constrangimentos vividos ao longo da pesquisa de campo e as estratégias adoptadas para superá-los. Na sexta secção apresento notas sobre aspectos éticos, e na sétima e última secção, apresento o perfil dos participantes.

4.1 Método e etapas da realização do trabalho de pesquisa

O presente estudo é de carácter qualitativo, baseado em pesquisa etnográfica. O método etnográfico permitiu-me o contacto directo com as pessoas e o acesso ao seu quotidiano. A partir desse contacto efectuei visitas aos locais de trabalho de alguns participantes, participei em eventos religiosos, em festas, idas à praia e bares. A partir dessa aproximação interagi e informei-me sobre experiências, práticas e narrativas relativas ao vestuário.

O uso do método etnográfico me permitiu acesso a dados que no início pareciam irrelevantes, mas que ao longo da pesquisa se revelavam interessantes à medida que “como?” e “porquê?” davam forma ao estudo. Esta experiência remete a assunção de que a etnografia se torna útil para estudar o banal e o familiar por permitir a identificação da dinâmica cultural do que aparenta comum ao investigador (Caria 2000). Ou, àquela de Leach (1982) de que as acções podem ser melhor compreendidas quando observadas no contexto em que ocorrem.

Realizei o trabalho de pesquisa em três etapas complementares: na primeira etapa realizei a pesquisa exploratória do campo e a revisão bibliográfica. Dividi esta etapa em duas fases: reservei a primeira fase à pesquisa exploratória do campo no bairro de Maxaquene “C”, com o objectivo de recortar o que pretendia estudar. Esta fase decorreu entre os meses de Outubro de 2017 a Dezembro de 2017. Posto isto, na segunda fase realizei a revisão de literatura sobre vestuário e moda durante os meses de Janeiro de 2018 a Junho de 2018. Consultei as fontes existentes na biblioteca do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), e Brazão Mazula da Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Adicionalmente, consultei obras e artigos nas plataformas digitais sobre Antropologia do vestuário e da moda, vestuário e identidade, e estudos realizados em outros países (monografias e dissertações). Contei ainda, com sugestões e fornecimento de material bibliográfico por singulares.

Na segunda etapa, realizei uma etnografia entre um grupo de pessoas residentes nos bairros de Maxaquene “B”, Maxaquene “C”, Polana Caniço “A”, Polana Caniço “B”. A pesquisa etnográfica decorreu entre os meses de Julho de 2018 a Agosto de 2019. Realizei a pesquisa em contextos como casa, zona, trabalho, igreja, festas de aniversário, casamento e praia.

Na terceira etapa organizei os dados para efeitos de identificação de padrões nas notas de observação, conversas e entrevistas com os participantes. Posteriormente, analisei os dados de acordo com os padrões identificados.

4.2 Processo de recolha e registo de dados

Para a realização deste trabalho utilizei como técnicas de recolha de dados etnográficos a observação directa, a observação participante, conversas informais e entrevistas semiestruturadas.

Quanto a técnica de observação directa usei-a inicialmente junto dos residentes do bairro de Maxaquene “C”, e posteriormente nas casas, locais de trabalho, festas, igrejas, bares e nas “zonas” dos participantes de estudo. O horário da observação variava de contexto para contexto. Em alguns casos era realizada das 07h00 as 09h00 ou das 10h00 as 12h00, e em outros, das 15h00 as 20h00.

Observei o que as pessoas vestiam, detalhes do vestuário, ouvia o que falavam sobre vestuário e registava no telemóvel em forma de mensagem de texto. A partir do uso desta técnica obtive informação sobre o que os participantes e as demais pessoas nesses contextos faziam e falavam sobre vestuário.

No tocante a técnica de observação participante, adoptei-a durante as saídas nocturnas para bares e festas com a Mónica e seu grupo de amigos, nos ensaios de canto e dança e eventos festivos na igreja de Xiviko, e no processo de compra de vestuário com Raquel. O horário e calendário da observação dependia do horário desses eventos, entretanto quanto aos ensaios de canto e dança na igreja, decorriam geralmente das 15h00 as 20h00 nas terças-feiras, quintas-feiras, sábado e domingo. A observação participante possibilitou a conquista da confiança dos participantes e conseqüentemente das demais pessoas presentes nos contextos da pesquisa, facto que permitiu colher dados para análise.

No referente, entretanto, as conversas informais inicialmente usei a técnica junto de algumas pessoas que conheci nos primeiros dias de investigação, e posteriormente com os participantes de estudo. Nas conversas primeiro tratava de tópicos que mais interessavam aos interlocutores dos quais escola, futebol, namoros, música e de vestuário. As conversas duravam 25 minutos a depender da fluidez e das circunstâncias em que iniciamos a conversa.

As conversas informais foram úteis para introduzir o assunto aos participantes de pesquisa e para complementar a técnica de observação directa e clarificar algumas dúvidas. Algumas conversas foram individuais e outras foram colectivas, essas últimas ocasionadas pela participação das pessoas que estivessem próximas, e decorriam em locais de trabalho, nas casas dos participantes de pesquisa, nos bares, igreja, praia e na rua. Durante as conversas tomávamos algum refrigerante, sumo ou água. As conversas colectivas resultaram da participação das pessoas que se encontravam nos contextos acima citados. As conversas foram úteis para obtenção de dados e no fortalecimento da proximidade com os participantes.

Algumas conversas individuais eram gravadas através do gravador de voz do telemóvel com a permissão prévia dos participantes com objectivo de captar detalhes que pudessem escapar a memória. As conversas iniciavam com uma pergunta aberta como forma de quebrar o gelo, permitir que os participantes falassem das suas experiências e a partir destas afunilar a conversa através de perguntas concretas. A gravação das conversas foi útil para avaliar o progresso nas conversas com cada participante e identificar os aspectos a aprofundar.

Quanto as entrevistas semiestruturadas usei esta técnica junto dos participantes para permitir que falassem abertamente sobre suas experiências e de suas práticas sobre vestuário no dia-a-dia. Esta técnica, complementar a anterior, permitiu-me abordar e aprofundar questões específicas tratadas nas conversas informais. Para o efeito elaborei questões para cada participante, de acordo com o estágio e aspectos por clarificar das conversas informais, como base para a entrevista. As entrevistas foram realizadas nas residências dos participantes e em outros locais que os participantes sugeriam, e duravam em média 35 minutos.

4.3 Tratamento e análise de dados

Quanto ao tratamento de dados, no fim de cada dia de trabalho de campo, chegado a casa, transcrevia e organizava os dados no “caderno de campo” e deste para o computador. Este processo permitiu melhor conservação e organização dos dados, e ajudou no processo de

análise dos dados. No referente a análise do material etnográfico, numa fase posterior ao trabalho de campo, li os dados numerosas vezes com objectivo de identificar padrões, construir ideias e testá-las.

4.4 Processo de selecção dos participantes

A selecção dos participantes foi baseada nos dados recolhidos na fase exploratória de campo no bairro de Maxaquene “C”. A escolha do local foi condicionada pela acessibilidade, frequência com que podia estar no campo e a dinâmica do próprio bairro. A partir da observação e conversas informais tive interesse em trabalhar com as pessoas independentemente das categorias a elas associadas, por entender que, para o propósito deste trabalho, essas categorias limitariam a análise.

A selecção dos participantes foi gradual porque enquanto conhecia uns acabava conhecendo outros em circunstâncias diferentes. A título de exemplo, com a Raquel iniciei a conversa a partir de uma outra pessoa conhecida. Durante as conversas sobre escola, vida amorosa e familiar e vários outros assuntos, ouvia dela comentários sobre vestuário de suas amigas e colegas da escola. A partir desses comentários fazia algumas questões que permitissem alguma fluidez da conversa e a possibilidade de colher informação. Num certo dia expliquei que pretendia estudar sobre vestuário. Ela disse que não entendia nada de moda, portanto, pouco seria útil. Expliquei que ela seria útil só pelo facto de vestir. Ela aceitou participar da pesquisa e passamos a conversar. A negociação, tanto com a Raquel como com os outros participantes, fez parte de todo o processo de selecção dos participantes, e na manutenção do contacto durante vários meses de conversas e observações.

4.5 Constrangimentos no processo de recolha de dados

Durante o trabalho de pesquisa deparei-me com alguns constrangimentos dos quais destaco dois. O primeiro ocorreu nos primeiros dias de conversas informais com os participantes de pesquisa, quando questionei a eles sobre seus comentários relativos as formas de vestir dos outros. Estranharam o meu interesse, alguns riram e perguntaram por que razão questionar coisas que sei. Este facto constituiu um constrangimento porque dificultou a obtenção de informação.

Para superar este constrangimento revelei que pretendia estudar sobre vestuário. Posteriormente, usei exemplos de alguns aspectos referidos nas conversas que me eram novos

para fundamentar a relevância da participação deles na pesquisa e das perguntas que colocava a eles para saber mais sobre o assunto. Depois do esclarecimento feito, passamos a conversar abertamente e a realizar entrevistas, facto que permitiu recolher dados interessantes para análise.

O segundo constrangimento é referente a dificuldade que tive em gerir a relação estabelecida com os participantes. Nos primeiros dois meses da pesquisa de campo, tive dificuldades em responder as exigências da relação com novas pessoas. Alguns que já me tinham como parte do seu dia-a-dia reclamavam por as vezes ficar 4 dias sem contactá-los. Num dos episódios, um dos participantes ligou para saber se tinha desistido da pesquisa após 4 dias sem ir ao seu local de trabalho, a sua casa e ao local onde reuníamo-nos com outras pessoas para conversar sobre futebol, política, meninas e vestuário. Este facto constituiu um constrangimento porque colocava em causa a relação estabelecida com os participantes.

Para superar este constrangimento, distanciei-me dos meus amigos para me dedicar aos participantes de pesquisa e ajustei as mesmas habilidades de gestão da minha relação com amigos e familiares para gerir a minha relação com os participantes. Passei a tê-los como minha prioridade, procurava saber das suas actividades e programas durante a semana e negociávamos a minha participação em alguns deles.

4.6 Notas sobre aspectos éticos

Neste trabalho uso os nomes reais dos participantes, com o seu consentimento, porque estes apresentaram a preocupação de que gostavam de ver os seus nomes no trabalho e não servir apenas de fontes invisíveis de informação. Considerei a sua reivindicação justa, porque mesmo as fontes escritas obrigam que sejam devidamente citadas e referenciadas. Porém, um dos participantes exigiu que omitisse o seu nome e a face, e por esse motivo substitui seu nome verdadeiro por um fictício que é Xiviko, escolhido deliberadamente.

As referências dos locais da pesquisa foram omissas por falta de autorização para sua exposição no trabalho. Um outro aspecto é que três das imagens apresentadas ao longo do trabalho foram editadas para salvaguardar a identidade das pessoas que nelas aparecem sendo que não faziam parte da pesquisa, com excepção de Xiviko.

4.7 Perfil dos participantes

Tabela 1: perfil dos participantes, organizado em nome, idade, sexo, ocupação e residência.

Nome	Idade	Sexo	Ocupação	Residência
Cantino	23 Anos	M	Músico	Maxaquene “D”
Januário	35 Anos	M	Distribuidor de jornais	Maxaquene “C”
Márcia	35 Anos	F	Vendedeira de “roupa da calamidade”	Mahotas
Fátima	34 Anos	F	Cabeleireira	Maxaquene “D”
Sheila	19 Anos	F	Estudante universitária	Maxaquene “B”
Hólmio	22 Anos	M	Estudante técnico-profissional	Maxaquene “C”
Marta	25 Anos	F	Estudante universitária	Maxaquene “C”
Xiviko	26 Anos	M	Trabalhador de banco	Polana caniço “A”
Isabel	22 Anos	F	Sem ocupação	Maxaquene “C”
Maria	23 Anos	F	Árbitra de futebol	Maxaquene “C”
Mónica	24 Anos	F	Cabeleireira	Maxaquene “D”

Fonte: dados da pesquisa.

A pesquisa contou com a participação de onze pessoas, das quais quatro do sexo masculino e seis do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 19 e 35 anos. Os participantes do estudo são residentes dos bairros de Maxaquene “B”, Maxaquene “C”, Maxaquene “D”, Mahotas e Polana Caniço “A”.

5 Práticas e narrativas sobre vestuário

Nesta parte do trabalho, apresento a caracterização dos contextos da pesquisa, o perfil dos participantes de estudo e analiso os dados etnográficos em duas secções. Na primeira secção descrevo e analiso as regras sobre vestir e o processo através do qual os participantes de estudo aprenderam essas regras. Na segunda secção analiso o processo de vestir. Esta secção está dividida em três subsecções, sendo que na primeira apresento experiências de aquisição do vestuário, na segunda descrevo e analiso o processo de vestir desde apreensão do contexto, organização do vestuário à forma como os participantes vestem em diferentes contextos.

5.1 Caracterização dos contextos da pesquisa

A pesquisa foi realizada em contextos como casa, zona, trabalho, igreja, praia, bares e outros locais de convívio dos participantes.

Uma das igrejas onde realizei a pesquisa tem uma estrutura de concreto e ferro, cobertura de chapas. Na entrada tem uma cruz feita de tijolos sobre a parede. No interior da igreja tem, na parte da frente, para quem entra da entrada principal, um altar onde o pastor ou o seu substituto (em caso de ausência) dirige os cultos. Ainda no altar, do lado direito do pastor geralmente sentam outras pessoas que participam na direcção dos cultos, como aquelas que informam sobre o programa do dia ou dos dias seguintes.

Do lado esquerdo do pastor sentam duas ou três pessoas do sexo feminino que cantam nos momentos de louvor. E, do lado esquerdo dessas últimas, fica uma banda composta por rapazes, mas em algumas ocasiões também integra uma rapariga que toca piano (teclado). A banda toca, além do instrumento supracitado, bateria, guitarra e um dos elementos da banda supervisiona a aparelhagem que permite a reprodução sonora dos instrumentos e da voz durante as falas no microfone.

O maior espaço da igreja é onde os outros crentes sentam. Este espaço está organizado em quatro colunas de cadeiras brancas de plástico. Na coluna do lado direito, para quem está de frente com o altar, sentam apenas mulheres. Na coluna do meio geralmente sentam “pessoas mais velhas” tanto homens quanto mulheres. Na coluna do lado esquerdo, nas primeiras cadeiras, sentam as “pessoas mais velhas” e depois os “jovens” de ambos sexos. A última coluna de cadeiras é menor e fica em frente a coluna do lado esquerdo, formando um L invertido de baixo para cima, e nela sentam as apenas “mulheres mais velhas”. Existe ainda,

bancos de madeira que ficam logo à entrada da igreja. Nesses bancos geralmente sentam os jovens e/ou pessoas que se tenham atrasado.

Num dos bares onde realizei a pesquisa ao entrar, do lado esquerdo tem um tanque preto, local de venda de bebidas pintado de branco no interior e de amarelo no exterior. No mesmo bloco tem uma sala de realização de cortes de bolo e mais adiante e por último, compartimentos de sanitários. Do lado direito tem uma pista de dança com cobertura de chapas de zinco e de seguida uma cozinha. No meio tem 5 árvores. Nesse último local geralmente colocam mesas, cadeiras e sombras. Na parte frontal tem duas mesas de bilhar. É um local de entretenimento, música alta, dança, consumo de bebidas alcoólicas.

5.2 Regras sobre vestir e o processo de aprendizagem

Nesta secção descrevo e analiso as regras sobre vestir e o processo através do qual os participantes de estudo aprenderam essas regras. A partir da análise dos dados notei que os participantes seguem regras no processo de vestir. Essas regras estipulam que as pessoas vestem de acordo com o contexto.

A partir das narrativas que me foram contadas percebi que os participantes aprenderam essas regras inicialmente em casa em quando crianças. Nessa fase, as figuras paternas e maternas e/ou outras pessoas da família participaram do processo que incluía aquisição do vestuário e sua conservação, e a realização de práticas quotidianas de vestir. Essa fase inicial, como podemos ver no excerto abaixo, permitiu que os intervenientes no processo transmitissem valores e regras aos participantes de estudo,

No início minha mãe nos vestia, mas depois cada um cresceu sabendo como é que se veste. Tenho certas fotos em que estou de vestidinhos [risos]. [...] Quem comprava vestuário era meu pai. Ele comprava roupa e trazia, [...] calças, camisetas, calções e sapatos. Ele só chegava e dava. Eu e meus irmãos pegávamos. Cada um levava o que gostava. As vezes ele trazia e falava, isso é de fulano, isso é de sicrano. Para mim minha mãe comprava malta sainhas (Maria, 23 anos de idade, Maxaquene “C”, entrevista semiestruturada, 20 de Julho de 2019).

A explicação da Maria permite compreender que ela e seus irmãos aprenderam a vestir com auxílio da mãe, contudo, quando eles ganharam alguma prática passaram a vestir a si próprios. Maria explica que o pai comprava vestuário, geralmente calças, calções, camisetas e sapatos, e eles seleccionavam ou o pai indicava a quem cada peça de vestuário pertencia. Em contraste, especificamente para Maria, a mãe comprava saias.

Experiência similar foi partilhada por Sheila:

Ainda criança era mais tipo... o que mamã comprou, é o que vestia. Ela saía comigo para comprar certas coisas. [...] Ela ia comigo mais para eu escolher o que quisesse. Mas, se fosse algo que não ia de acordo com o padrão que estipulou para mim, não comprava (conversa com Sheila, 19 anos de idade, Campus da UEM, 05 de abril de 2019).

A partir do excerto acima podemos perceber que, quando criança, Sheila recebia da mãe o vestuário que vestia e que, embora fizesse parte do processo da compra, a mãe é quem decidia o tipo de vestuário a comprar. Este facto permitia que ela vestisse segundo os padrões circunscritos pela mãe. À semelhança da Sheila, Márcia contou:

Naquele tempo para vestir o meu pai dava dinheiro a minha mãe para me comprar roupa [...] vestidos, saias, sapatos [...] calcinhas, sendo menina. [...] Mas, pai também nos comprava roupa. Dependia. Eles se dividiam, mãe comprava roupa mais para meninas e pai comprava mais para os rapazes. Mas, uma vez a outra, tanto a mamã quanto papá compravam roupa para todos [...] tanto roupa exterior como também roupa interior. Dos 10 anos para cima meu pai comprava mais calças de ganga e sapatos, depois bolsas (conversa com Márcia, 35 anos de idade, Maxaquene “C”, 17 de Março de 2019).

A explicação da Márcia permite perceber que o pai disponibilizava dinheiro para a mãe comprar vestuário. A mãe comprava-lhe vestidos, saias, sapatos e calcinhas e outros artigos de vestuário. Márcia explica ainda, que o pai e a mãe dividiam as tarefas. O pai comprava roupa mais para os rapazes e a mãe para as raparigas. Porém, em alguns casos ambos

compravam vestuário tanto para os rapazes quanto para as raparigas, tanto “roupa exterior” quanto “roupa interior”¹⁰.

As narrativas acima apresentadas permitem perceber que o vestuário que os pais compravam para raparigas era distinto do comprado para rapazes. Essa distinção se torna inteligível quando compreendemos o sexo como uma regra que sustenta, em parte, o imaginário sobre o masculino e o feminino. As raparigas aprenderam a vestir calcinha, saia, vestido e blusa e os rapazes aprenderam a vestir cueca masculina, calções, calças, camisas e camisetas.

As similaridades possíveis entre o vestuário definido para raparigas e outro para rapazes permitiram que outros detalhes como cores, estampas, bordados, formato e tamanho dos bolsos das calças, os tecidos, posição dos botões nas camisas e nas calças, o tamanho da braguilha e a posição do zíper nas calças fossem integrados na demarcação das diferenças entre masculino e feminino.

Os participantes aprenderam, além da diferenciação entre o vestuário masculino e feminino, a diferenciar o vestuário adequado em contextos como casa, zona, escola e festas,

[...] Recordo que a Cota me dava porrada porque sujava muito naquelas brincadeiras na zona e na *school*. Punha uniforme da escola, mas ela ficava estressada porque tinha que lavar sempre [...]. Nas festas já era outra cena, geralmente tinha que usar uma roupa nova ou aquela que era guardada para esses dias. Eu só não gramava de usar aqueles sapatos encachos [formais] e o Cota não queria saber doutra coisa [risos] (Januário, 35 anos de idade, Maxaquene “C”, 7 de Abril de 2019).

O excerto acima permite compreender que Januário vestia de acordo com o contexto e que sua mãe é quem garantia a conservação do vestuário e a adaptação aos padrões de vestir em casa, zona, escola e festas.

¹⁰ No contexto das conversas, roupa exterior é a designação usada para referir peças de vestuário como calças, saias, vestidos, blusas, camisas, entre outras peças. Roupa interior é designação usada para referir a peças de vestuário como calcinha, sutiã, top e cuecas.

Diferentemente da fase inicial, na fase posterior os participantes alargaram os espaços de interação e de relações. Nessa expansão, os participantes aprenderam outras formas de vestir e ampliaram aquelas regras iniciais, como podemos observar na explicação da Maria,

Havia muita diferença, porque quando fosse à igreja tinha que vestir saias compridas. Tinha saias da igreja, aquelas brancas. Era obrigatório vestir aquelas saias compridas, não tinha de reduzir nada, e até punha casaco. Quando comecei a pensar um pouco em mim [...] passei a eliminar o que não gostava de vestir que só vestia porque tinha que seguir uma norma. Deixei de ir para minha antiga igreja, e passei para uma outra onde podia vestir calças. Noutros sítios vestia calças e calções [...] quando saía para jogar [futebol], por exemplo (Maria, 23 anos de idade, Maxaquene “C”, entrevista semiestruturada, 20 de Julho de 2019).

O excerto acima permite perceber que Maria vestia um vestuário-padrão composto por saia, blusa, casaco, sapatos, meias e chapéu brancos, denominado *makusushumi*, da igreja que frequentava. Entretanto, Maria esclarece que deixou de frequentar essa igreja por causa do desconforto em relação ao vestuário estabelecido para pessoas do sexo feminino. Posteriormente, passou a frequentar outra igreja onde tinha a possibilidade de vestir calças – vestir diferente. Ao longo das conversas com Maria percebi que por detrás da narrativa de desconforto em relação ao vestuário, existe, antes de mais, um desconforto com o quadro normativo desse contexto de igreja.

Se por um lado a decisão da Maria, de mudar de igreja, parece uma rejeição das regras, por outro significa, implicitamente, uma compreensão das regras da sua antiga igreja. A mudança permite compreender a exploração de outras possibilidades existentes fora daquele contexto.

Ainda na entrevista com a Maria percebi que o cumprimento de regras está ligado também a identificação com os valores que sustentam essas regras. As identidades que as pessoas reivindicam, aproximam-nas aos contextos em que podem facilmente se ajustar as suas regras e as distancia daqueles cujos valores são conflituantes, como podemos observar,

Sinto-me estranha quando ponho saia. Para não gostar primeiro tive que pôr e sentir que não vai de acordo comigo, de acordo com meu corpo. [...] Meu andar e saia não combinam. Parece uma pessoa que não está bem de cabeça,

ou um homem vestido de saia. Eu tenho um andar masculino. Não tenho aquele andar, sei lá, de uma menina normal, aquele andar leve. Eu tenho um andar pesado. [...] Quando a LGBT dá eventos vou, e lá não há aqueles comentários aquela ali está se fazer de homem porque lá somos quase do mesmo jeito. Lá dentro sinto-me mais à vontade (Maria, 23 anos de idade, arbitra, Maxaquene “C”, entrevista semiestruturada, 20 de Julho de 2019).

O excerto acima permite perceber que Maria vestia saia, mas passado algum tempo deixou de vestir saias e passou a vestir calças, calções e outras roupas tidas como para rapazes. Ela esclarece ainda, que aspectos como identificação com o masculino, sua orientação sexual e as suas relações de amizade com outros rapazes condicionaram a adopção do vestuário masculino. Enquanto Teófilo (2010) assume implicitamente que a instrução que filhos e filhas recebem dos pais garante a continuidade da conformidade ao masculino e ao feminino nas formas socialmente aceites, a explicação da Maria permite compreender cenários em que as pessoas se identificam com grupos que ao longo do tempo alteraram o valor que atribuem a certas regras.

Os dados analisados nesta secção permitem compreender que os participantes seguem regras e essas regras variam de acordo com o contexto. Os participantes passaram por um processo de aprendizagem do vestir que iniciou em casa. Nessa fase, pessoas como pai, mãe, e/ou outras da família participaram desse processo, instruíram os participantes sobre o que vestir e como vestir nos contextos em que se moviam. Posteriormente, os participantes alargaram os horizontes sobre as possibilidades de vestir à medida que expandiam espaços de interacção e relações.

5.3 Processo de vestir

Nesta secção analiso o processo de vestir entre os participantes. Esta parte é composta por três subsecções. Na primeira subsecção apresento experiências de aquisição de vestuário, na segunda analiso a contextualidade do vestir, na terceira explico a fiscalização do vestir de uns por outros e a desaprovação do “mal vestir”. O processo de vestir inicia no momento em que os participantes adquirem o vestuário, orientados pelo “background” que têm sobre o que é possível vestir em determinados contextos. O sentido de vestir é continuamente alterado de acordo com o contexto. Essa ideia de níveis de aceitabilidade do vestuário permite tomar o vestuário como um constructo que se funde no esquema social.

5.3.1 A aquisição do vestuário

Nesta parte do trabalho explico o processo de aquisição do vestuário e os valores que circundam o processo. A partir dos dados obtidos nas conversas e entrevistas com os participantes de estudo e na observação, notei que há um conjunto de valores que orientam o processo de aquisição do vestuário,

Eu sou daqueles que entram numa loja e compram alguma peça porque gostam [...] E quando se trata de vestuário tem que combinar. Certo tipo de camisas combina com um certo tipo de calças. Certas cores combinam com certas cores, de calças ou camisas. Certos sapatos combinam com certo tipo de calças. [...] Não compro coisas que não sejam do meu tamanho porque não faz sentido. Mas, houve um momento da minha vida em que gostava de roupas “underground”. Então, eu adquiria roupas grandes, mais pelo estilo de música. Também na própria altura roupas justas não estavam na moda. (Conversa com Xiviko, 26 anos de idade, Trabalhador de banco, Polana Caniço “B”, 10 de Abril de 2019).

A partir desta conversa podemos perceber que Xiviko compra vestuário de acordo com o seu gosto, e que o processo de compra envolve a gestão de combinações de peças e cores do vestuário. O participante explica que compra roupa relativamente justa ao seu corpo, porém, houve uma época em que geralmente adquiria e vestia roupas mais largas condicionado pelo contexto e pelas relações estabelecia com outras pessoas.

Diferentemente de Xiviko, Januário narra,

Eu gosto mais de usar roupa da calamidade, aquelas que a gente encontra enquanto são boas. Não digo que a roupa da loja é má, sei lá... mas existe aquela originalidade das roupas, aquelas que resistem muito. Uma vez a outra vou a loja para pegar uma e outra coisa para algum evento que exige algo difícil ter na calamidade (Januário, 35 anos, Maxaquene “C”, entrevista semiestruturada, 10 de Abril de 2019).

Januário explica que compra e usa vestuário da calamidade¹¹ por considerar esse tipo de vestuário original e resistente. Porém, explica que ocasionalmente adquire o vestuário na loja para de evento em que se tenha determinado um padrão que é incomum na “calamidade”. A explicação de Januário é consubstanciada por Márcia:

Compro a roupa nas colegas daqui ou mesmo a que eu vendo. Compro roupa boa, coisas que eu gosto, roupa formal. Não gosto de roupas extravagantes. Eu gosto de estar simples, [...] mas decente. Eu trabalho com roupa, não vou levar coisas que não têm nada a ver, coisas gastas. Se compro roupa é porque gostei ou porque tenho uma festa e vejo que fica bem para essa festa (Márcia, 35 anos de idade, Maxaquene “C”, entrevista semiestruturada, 15 de Junho de 2019).

O excerto acima permite compreender que Márcia compra roupa nas colegas de trabalho ou adquire nos fardos do vestuário da calamidade que ela própria vende. Permite compreender ainda, que a Márcia geralmente compra roupa formal, que considera decente e em ótimo estado de conservação. O estado de conservação do vestuário é também um critério usado na escolha do vestuário, complementar aos critérios anteriormente mencionados por Januário.

Diferentemente da estratégia de aquisição apresentada anteriormente, marta explica que,

[...] Agora nos *xiguanes* normalmente o casal escolhe um tipo de capulana, então as mamas e a malta jovem [risos] manda fazer vestido, saia, calças ou túnica. Então, nesse tipo de situações [...] ponho capulana quando já tem uma estabelecida para todos usarem. Quando não se tem, não me aventuro

¹¹ Roupa da calamidade é o termo usado no contexto da pesquisa para referir o vestuário em segunda mão importado de países europeus, asiáticos ou americanos.

muito (Marta, 25 anos de idade, Maxaquene “C”, entrevista semiestruturada, 21 de Maio de 2019).

A narrativa acima permite compreender que além da compra do vestuário, em certos contextos, como no *xiguiane*, as pessoas mandam produzir vestuário feito da capulana estabelecida, geralmente pelo casal. De acordo com a estrutura das relações estabelecidas, o grupo de *mamanas*¹² e o grupo de jovens, mandam fazer vestidos, saias, calças ou túnicas.

A análise dos dados apresentados nesta secção permite compreender que os participantes adquirem vestuário através da compra. Nesse processo de compra os participantes valorizam a durabilidade, o estado de conservação. Acontece, porém, que além desses valores, os participantes têm o contexto como referência para seleccionar o vestuário a comprar. Enquanto Bourdieu (2007) explica que as classes populares valorizam a substância, sua função, preço e durabilidade, e as classes dominantes valorizam a forma e a boa apresentação, os dados analisados nesta secção permitem compreender que a valorização tanto da durabilidade, forma do vestuário e boa apresentação entre os participantes varia de acordo com a percepção das circunstâncias dessa aquisição do vestuário.

5.3.2 Contextualidade do vestir

Nesta secção descrevo e analiso o processo de vestir desde apreensão do contexto, organização do vestuário à forma como os participantes vestem em diferentes contextos. A partir da análise dos dados, percebi que os participantes têm primeiro o contexto como referência para seleccionar o vestuário a vestir. Nesse processo de selecção, um dos participantes refere que,

Um primeiro critério para decidir o tipo de vestuário – não falo de cor e *design* – que posso vestir para um determinado sítio, é história. Como é que as pessoas costumam vestir ou como é que as pessoas vestiram. Como é que as pessoas vestem naquele determinado sítio. Essa é a base: ver como as coisas acontecem (Xiviko, 26 anos de idade, residente de Polana Caniço “A”, entrevista semiestruturada, 08 de Abril de 2019).

¹²*Mamanas* é o termo referente as mulheres mais velhas.

A explicação de Xiviko permite compreender que selecciona o vestuário para um determinado contexto a partir do histórico ou do padrão de vestuário estabelecido. A explicação anterior é sustentada pela Fátima quando diz,

Antes de estar lá, você pensa: como é que eu posso estar ali? Será que posso entrar de interior ali? É isso aí que você pensa antes. Antes de pegar nas tuas roupas e antes de estar lá. Até pode pensar um dia antes. Por isso que se diz “tenho que organizar as roupas que vou pôr amanhã. Amanhã vais para onde? Ah não sabes que é enterro ali na amanhã (conversa com Fátima, 34 anos de idade, Maxaquene “D”, 15 de Junho de 2019).

O excerto acima permite perceber um preparo anterior ao vestir para um contexto definido. A preparação é orientada por um conjunto de conhecimentos que habilitam a Fátima, neste caso, a reflectir sobre o vestir no quotidiano. Essa acção reflexiva permite que as pessoas classifiquem o gosto ou a falta dele, a organização ou desorganização a partir de como em regra as pessoas vestem em cada contexto,

[Para faculdade] eu faço plano já de noite, escolho uma coisa para amanhã sempre de noite, o que vou vestir amanhã. Se eu vejo que estão um bocadinho amarfanhadas, engomo, depois visto. Não posso pôr roupa amarfanhada, isso dá má impressão. Gosto de passar ferro sempre. Gosto de coisas bonitas. [...] É má impressão [...] porque mostra o quão desorganizada ou sei lá... a pessoa é (Marta, 25 anos de idade, Maxaquene “C”, entrevista semiestruturada, 21 de Maio de 2019).

À semelhança das explicações de Xiviko e da Fátima, a narrativa partilhada pela Marta permite compreender que ela projecta o que vestir com expectativa de estar conforme o contexto. A “má impressão”, nas palavras da Marta, é percebida como um embaraço à interacção com os outros. À semelhança da explicação da Marta, Xiviko narra que,

As pessoas sempre se vestiram assim [...] no sector em que estou [bancário]. Aprecio e concordo com aquela forma de vestir porque é um sector que envolve confiança, que cuida dos bens de outras pessoas (Xiviko, 26 anos de idade, polana caniço “B”, entrevista semiestruturada, 08 de Maio de 2019).

O excerto acima permite compreender a continuidade do padrão de vestir no sector em que Xiviko trabalha, baseada na ideia de confiabilidade que caracteriza as relações entre os utentes dos serviços bancários e quem presta esses serviços, e o imaginário a volta do fato, gravata e sapatos formais. Esse tipo de vestuário, similar ao descrito por Junod (1996) como parte de um processo de aculturação em que os “tsongas” estavam submersos, actualmente faz parte da organização do que Sahlins (2003) designa esquema social. Ao longo do trabalho de campo percebi que mesmo em dias de calor intenso, em regra o fato e a gravata são o vestuário tido como adequado em certos contextos. Adicionalmente, Xiviko esclareceu:

Para o trabalho ponho roupa formal. Roupa formal é calça de pano com vinco, camisa de mangas compridas, sapatos, gravata e casaco. [...] Quando estou formal, o que falo têm um pouco de credibilidade que se estivesse de calções e interior para o tipo de actividades que exerço. Eu não teria credibilidade em parar em frente os estudantes da escola dominical da igreja de calções e camisetas ou interiores. Mas em casa ponho calções, interior, camisas de mangas curtas, todos tipos de camisas. Quando estou na igreja são calças compridas. Podem ser *jeans*, caqui ou calças de pano, mas sempre calças compridas. É questão de respeitar o lugar onde vou [...] não que não respeite os outros sítios para onde vou de calções, mas aquele lugar requer um pouco mais de respeito porque estou diante de pessoas crescidas a tratar de assuntos sensíveis (conversa com Xiviko, 26 anos de idade, Polana caniço “B”, 10 de Abril de 2019).

A explicação de Xiviko permite compreender que adopta um modo de vestir no trabalho e outro na igreja em conformidade com as relações que estabelece e os valores que orientam essas relações. Xiviko explica que vestir de acordo as regras do contexto de trabalho e da igreja, confere uma certa credibilidade e respeitabilidade nas relações que estabelece (ver as imagens nas *Figura 1 e 2*).

Figura 1 - Hólmio a regressar da igreja.



Fonte: António Zumba, Maxaquene “C”, Julho de 2019.

Figura 2 - Xiviko prestes à ir ao serviço.



Fonte: António Zumba – adaptada de Xiviko – Fevereiro de 2019.

Na imagem da *Figura 1* está um dos participantes do estudo, Hólmio, de um corte de cabelo que chama de “escovinha”, camisa cor de vinho com riscas verticais brancas e mangas compridas (arregaçadas até ao meio do antebraço) introduzida nas calças azuis, gravata acastanhada e cinzenta, cinto preto, sapatos pretos e bolsa. Na imagem da *Figura 2* está outro participante do estudo, Xiviko, de camisa azul, gravata vermelha, fato e sapatos pretos.

Durante a observação no campo e nas conversas informais, notei que nos ensaios de canto e dança entre o grupo de jovens da igreja onde xiviko é membro, os homens geralmente vestem calças de ganga ou calções, camisetas ou camisas tropicais, chinelos ou sapatilhas. As mulheres vestem camisetas, blusas de alça, calças de ganga, vestidos e saias acima do joelho, chinelos e sandálias. De acordo as conversas informais, o contexto de ensaios entre jovens permite o uso desse vestuário por ser um momento também de conversas e diversão. A partir

das conversas e observações em outros contextos como casamentos, *xiguiane*¹³ e *lobolo* constatei que há similaridades nos valores e regras partilhados nesses contextos,

Nos *lobolos* como convidado visto a minha maneira, aquela minha. Não de calções. Como o próprio nome *lobolo* sugere, não podia ir de calções porque podia criar um mau ambiente. Se a situação não é minha sou um simples convidado visto mesmo uma calça *jeans*, sapatilhas, camiseta. [...]. Mas tratando-se da minha cerimónia tenho que estar de uma forma exemplar, que é estar de calças de pano, os tais fatos, camisa e sapatos formais [...] por respeito aquela cerimónia (Januário, 35 anos, Maxaquene “C”, entrevista semiestruturada, 10 de Abril de 2019).

A explicação de Januário permite compreender que, no *lobolo*, por exemplo, como convidado geralmente veste calça de ganga (*jeans*), sapatilhas e chapéu, em detrimento de calções para evitar constrangimentos. Podemos perceber, no entanto, que nesse contexto de *lobolo* existem variações de aceitabilidade do vestir.

Esta explicação permite compreender que apesar de existir regras sobre vestir abrangentes a todos participantes da cerimónia, existem classificações que diferenciam as pessoas nesse contexto. Essas diferenças são impressas no vestuário. Porém, essas diferenças além de expressas são também constitutivas das relações estabelecidas nesse contexto. A partir da entrevista com Januário, respeitar a cerimónia e vestir de acordo com as regras, confere uma certa respeitabilidade dentro desse contexto.

Explicação similar a apresentada por Januário é partilhada por Marta, a respeito da sua experiência de participação nos *Xiguiane*:

No *xiguiane* praticamente todo mundo tem de ter uma capulana. Antigamente só amarravam a capulana, só que com tempo as coisas foram se actualizando. No último *xiguiane* fui de um vestido preto porque também fui convidada tarde, mas a capulana era muito bonita. A minha só amarrei

¹³*Xiguiane* é uma cerimónia do sul de Moçambique, realizada no dia seguinte ao casamento, se for o caso, ou que sucede o *lobolo*. Geralmente, é realizada em casa do noivo, onde pessoas da família da noiva acompanham a noiva junto com algumas prendas.

na cabeça (Marta, 25 anos de idade, Maxaquene “C”, entrevista semiestruturada, 21 de Maio de 2019).

A Marta explica que num dos *xiguanes* de que participou foi de um vestido preto dado o convite tardio, mas em compensação usou a capulana estabelecida amarrando-a na cabeça. A imagem da *Figura 3* alguns dos modelos de vestuário usados no casamento e no *xigiane*.

Figura 3-Isabel no casamento



Fonte: António Zumba – adaptada do arquivo de Isabel – Abril de 2019.

Na imagem da *Figura 3* está a Isabel no meio e outras duas pessoas, uma do lado direito e outra do lado esquerdo. Elas estão de vestidos feitos de capulana, cabelos postiços, colares. A direita está uma pessoa de vestido azul com detalhes de cores preta e branca. A Isabel e a outra pessoa que está do seu lado esquerdo aparecem de vestidos de cores azul-claro, cinzento e cor-de-rosa, diferentes em alguns detalhes.

Similarmente a explicação da Marta, Xiviko explica:

Quando estou de visitas a familiares por exemplo, vejo que tipo de familiares vou visitar e vejo as faixas etárias. Se forem pessoas da mesma faixa etária vou de todo tipo de roupa que me agradar nesse tal dia, só não me sentiria bem em estar lá de fato e gravata. Isso só se estiver num evento que requer que eu vá daquele jeito, mas [...] por exemplo eu não iria visitar

um primo que me convidou para tomar banho na piscina e ir lá de fato. [...] Tenho que me vestir de acordo com o ambiente que eu vou, mas minhas roupas vão ter um traço da minha personalidade (conversa com Xiviko, 26 de idade, Polana Caniço “A”, 10 de Abril de 2019).

O excerto acima permite compreender que Xiviko toma a idade das pessoas nas visitas e o contexto para definir o modo de vestir a adoptar. Adicionalmente, Xiviko explica que procura diferenciar-se das outras pessoas no contexto em que estiver inserido através do seu vestuário. E reforça a ideia de vestir de acordo com o contexto ao afirmar que não vestiria fato para ir a piscina. Explicação similar é apresentada por Isabel sobre o modo de vestir para praia,

[...] Quando vou a praia uso chinelos, shorts, camiseta ou interior. Não é um lugar adequado para ir de calças *jeans*, sapatilhas. O nome já diz tudo. Só para andar naquela areia não consegue [...] além disso tu sabes como é que se deve vestir para ir à praia. Vou a praia para refrescar (conversa com Isabel, 22 anos de idade, Maxaquene “C”, 30 de Março de 2019).

A explicação da Isabel permite compreender que existe um padrão de vestir estabelecido para praia. Esse padrão está associado à ideia de praia enquanto espaço de lazer e onde é aceite e recomenda-se a exposição do corpo. Essa exposição exclui, em regra, as genitais e os seios, no caso de pessoas do sexo feminino, e genitais e o glúteo, no caso de pessoas do sexo masculino. Os *Shorts*¹⁴, camiseta ou interior e chinelos que a Isabel refere fazem parte de um conjunto de opções possíveis no contexto de praia. A esse conjunto fazem parte, de acordo com as observações e conversas informais, biquínis, calções, cuecas ou *boxers*, entre outras peças que independentemente do seu tamanho estejam de acordo com ideia de expor o corpo e refrescar – do sentido atribuído a praia.

¹⁴*Shorts* é o termo referente a uma peça de vestuário tanto masculina quanto feminina, geralmente menor que aquilo que no contexto da pesquisa é comumente chamado de calção.

Figura 5- Isabel no contexto da praia



Fonte: António Zumba, praia da costa do sol, Maio de 2019.

Na imagem da *Figura 5* está a Isabel de interior branco transparente e com detalhes de cor azul-escuro e vermelho, *shorts*, calcinha (informação partilhada e confirmada pela Isabel), cabelo cacheado e óculos, com coxas e pernas e braços expostos.

No dia em que tirei a fotografia na *Figura 5* na praia, fomos em momentos diferentes porque a Isabel havia marcado essa ida com as suas amigas. Ela chegou primeiro, e só cheguei ao local uma hora e meia depois e localizei-a através de ligações telefónicas. Quando estávamos prestes a regressar para casa, constatei que ela trazia uma bolsa que continha uma capulana, que posteriormente usou para limpar a areia da praia do seu corpo e para cobrir-se no momento de mudar de vestuário (calça jeans) e retocar o batom. Ela explicou que teve que sair de casa e da “zona” de calças para evitar entrar no chapa¹⁵ de *shorts* e mostrar suas coxas às pessoas.

¹⁵ Chapa é o termo usado no contexto de pesquisa para referir aos veículos de transporte de passageiros menores que os autocarros de transporte público.

Diferentemente dos contextos anteriores, os participantes partilham a ideia de que os contextos de “casa” e “zona” geram menos preocupação com o vestuário, como podemos observar na experiência partilhada pela Fátima,

Na zona é roupa básica. [...] Eu me sinto bem de camiseta, chinelos, calções e as vezes com ou sem sutiã porque incomoda [risos]. É diferente. Do meu lado [...] tenho que ter aquela [camiseta] que dá para estar numa ocasião. Então a do dia-a-dia é aquela que venho usando, lavo sempre, porque as roupas ficam gastas com sabão. Então tem aquela que eu não lavo sempre que tem mais... ainda viva (conversa com Fátima, 34 anos de idade, Polana caniço “B”, 15 de Abril de 2019).

A explicação da Fátima permite compreender que na zona veste camiseta, calções e usa chinelos, as vezes com ou sem sutiã. Podemos perceber ainda, que ela diferencia o vestuário da “zona” e o de outros contextos e circunstâncias. Enquanto na “zona” pode usar vestuário com a cor e o tecido desgastados com a lavagem, nas outras ocasiões usa vestuário com a cor e tecidos em óptimo estado de conservação.

Quanto ao uso de sutiã e top, participantes do sexo feminino partilham a ideia de que o crescimento dos seios e a sua representação social elevam-nas ao quadro de mulher e apreciável para potenciais parceiros sexuais. Esses aspectos tornam necessário o uso de sutiã e top em determinados contextos. O uso de sutiã tem uma função dupla em dois grupos. Primeiro, para as mais novas e sem filhos a ideia a volta do uso de sutiã é de encobrir o mamilo e evitar o desgaste dos seios. O segundo aspecto é que para “mulheres mais velhas” ou que tenham filhos, o sutiã serve para manter ou levantar os seios e obstruir a marca do mamilo em certas peças de vestuário. O seu uso é tornado relevante fora dos contextos de “casa” e “zona”.

Similarmente a explicação da Fátima, Márcia explica que,

Há diferença porque aquela é roupa de casa e há roupa de trabalho. [...] Quando estou em casa são uns calções, uma camiseta ou uma capulana e uma camiseta. Há aquela capulana de xitique. É aquela que eu não utilizo em casa. [...] Aquela que eu utilizo em casa é mais... por exemplo, já está um pouco assim pálida. Então, não hei sair de casa com uma capulana que

está pálida, apesar de estar limpa (Márcia, 35 anos de idade, Maxaquene “C”, 15 de Junho de 2019).

Márcia explicou que distingue o vestuário que usa em casa daquele que usa no trabalho e no *xitique*¹⁶. Adicionalmente explicou que em casa veste calções e camiseta ou capulana e camiseta. E, que a capulana que usa em casa é a pálida, diferentemente da capulana que usa no *xitique*. Essa distinção permite falar do estado da conservação do vestuário como uma regra que define aceitabilidade de uma peça de vestuário num ou noutro contexto. A imagem que segue ilustra o vestuário semelhante ao descrito pela Márcia

Figura 6-Raquel no salão de cabeleireiro da sua casa



Fonte: António zumba, Maxaquene “C”, Agosto de 2019.

Na imagem da *Figura 6* está a Raquel de camiseta preta e capulana de cor de laranja e cinzento, com detalhes pretos e goro (visível no espelho).

A análise dos dados apresentados nesta secção permite compreender que, no quotidiano, os participantes definem como vestir a partir da referência ao contexto para o qual vão. De forma análoga ao que Eicher e Roach-Higgins (1992) afirmam, é o reconhecimento do que é valorizado numa certa conjuntura que permite o cumprimento de regras sobre vestir. O conhecimento do contexto permite que as pessoas organizem e preparem o vestuário

¹⁶*Xitique* é um sistema de créditos e poupanças rotativas entre um grupo de pessoas, que também envolve redes de solidariedade e confraternização.

apropriado. A semelhança desta explicação, Sahlins (2003) refere que as diferenças entre o vestuário usado nos diversos contextos são próprias das relações que constituem a ordem cultural.

5.3.3 Fiscalizar o vestir dos outros e desaprovar o “mal vestir”

Nesta secção explico o processo de fiscalização da regra que preconiza vestir de acordo com o contexto e as conotações que resultam do desrespeito a essa regra. A partir da análise dos dados percebi que nos contextos da pesquisa as pessoas fiscalizam-se mutuamente sobre o vestir. A fiscalização é manifestada por meio de olhares, atitudes e comentários sobre o vestuário das outras,

Se sair de casa com roupa amarrotada, as pessoas vão olhar-me tipo porque essa moça está assim? Com certeza bastaria entrar [na faculdade] que minhas colegas perguntariam... [...] Quando são outras pessoas a aparecer assim para mim, o pensamento é o mesmo (Marta, 25 anos de idade, Maxaquene “C”, entrevista semiestruturada, 21 de Maio de 2019).

O excerto acima mostra que a Marta se preocupa com estado de conservação da roupa e evita sair de casa com roupa amarrotada porque as pessoas à sua volta olhariam e questionariam o seu vestir. Na explicação podemos perceber que apesar de a Marta reconhecer que é fiscalizada por pessoas a sua volta, assume também que fiscaliza o vestir das outras pessoas.

Numa narrativa relacionada com o excerto acima exposto a Marta contou:

Por exemplo hoje minha colega trazia calça branca, eu não sei se ela não sabia que aquilo era transparente. Ela disse que apanhou boleia de um vizinho as pressas. Ela trazia uma calça transparente, uma calcinha amarela. Então, epah... logo que chegou, e é avantajada no peito e na bunda, mandei mensagem e disse: ‘hei você se viu bem quando saiu de casa?’ Ela cutucou-me e disse: hei que foi (em voz baixa). E eu disse: hei essa calça está transparente. Ela trazia um cachecol, levou e amarrou na cintura. Éh depois como ela tem bunda grande de certeza que meu docente notou isso [...]. Naquele momento foi tipo ela não viu, não sabia a calça era transparente. O problema é que eu sei que ela não faria aquilo (Marta, 25 anos de idade, Maxaquene “C”, entrevista semiestruturada, 08 de Maio de 2019).

O exemplo acima permite compreender que as pessoas fiscalizam o cumprimento de regras sobre vestir. A menção a calça transparente, que permite a visibilidade da calcinha, permite compreender que nesse contexto as pessoas valorizam o encobrimento dessa peça de vestuário. A visibilidade da calcinha, seja pela transparência do vestido, saia, ou calça, ou por outra forma, é tida como “baixaria” e desrespeito a si e aos outros. O desajuste do vestuário da colega da Marta aos valores partilhados no contexto da escola foi motivo de desaprovação e, posteriormente, foi chamada a seguir as regras.

A fiscalização constante e permanente permite que, em caso de desconformidade com as regras de um dado contexto, as pessoas acedam ao histórico de quem que vestiu inadequadamente no contexto, e avaliam o sucedido de acordo com esse histórico. Como observamos no exemplo acima, a Marta justifica o espanto pelo facto de nunca ter visto a colega daquele modo, naquele contexto, tanto que supôs que ela não sabia da transparência da sua calça. Entretanto, as pessoas que rompem frequentemente com padrões de vestir num dado contexto são rotuladas como, por exemplo, “maluco (a)” ou são excluídas de certas redes de relações.

Ao longo da pesquisa percebi que, por exemplo, nos critérios da contextualidade e aceitabilidade do vestir, é permitido mostrar o biquíni na praia dentro na ideia de refrescar. Nessa situação as pessoas vigiam a adequação do tipo de “calcinha” em detrimento da sua visibilidade. Porém, de forma análoga, o uso de fato, gravata e sapatos numa saída entre amigos para momentos de lazer na praia, é passível de ser contestado do mesmo modo que o é no contexto da zona, como explica Hólmio:

[...] Não! Creio que gozado [risos] porque há aquela coisa: já esse *mupfana* engravatado aqui na barraca? [risos] mesmo nós que somos mais crescidos estamos de calças de pano ou calções, mas ele está sempre de gravata o que nos quer dizer com isso? Tas a perceber? Então, ficar na zona de gravata receberia muita água das pessoas (Holmio, 22 anos de idade, Maxaquene “C”, entrevista semiestruturada, 02 de Julho de 2019).

A explicação de Hólmio permite compreender que vestir fato e gravata na zona incorre a desaprovação, porque esse contexto é regido por uma valorização de uma suposta despreocupação com o vestuário.

A partir da análise dos dados apresentados nesta secção compreendi que no dia-a-dia os participantes vestem e fiscalizam constantemente uns aos outros, a semelhança da explicação de Mezabarba (2015), e as pessoas que vestem de forma desajustada ao contexto são solicitadas a seguir o padrão reconhecidamente válido, similarmente ao que Manwa e Ndamba (2010) constataram no seu estudo. Entretanto, diferentemente do estudo das referidas autoras que assume uma ideia unilateral da fiscalização, esta pesquisa permite compreender que a fiscalização é necessariamente mútua porque todos são “policías” uns dos outros.

6 Considerações finais

O presente trabalho analisou práticas e narrativas sobre vestuário entre um grupo de pessoas na cidade de Maputo. Da literatura analisada identifiquei duas linhas de abordagem das quais a primeira explica a dinâmica dos significados expressos e reproduzidos através do vestuário (Assunção 2018; Crane e Bovone 2006; Dos Santos 2019; Hansen 2004) e a segunda explica a organização e classificação do vestir a partir de valores e regras do contexto social em que as pessoas estão inseridas (Bourdieu 2007; Corrêa e Dubeux 2015; Eicher e Roach-Higgins 1992; Junod 1996; Timbane 2012; Manwa e Ndamba 2011; Mezabarba 2015; Norogrande 2010; Sahlins 2003; Silva 2015; Teófilo 2010; Wittmann 2019). Essa literatura permite compreender que o vestuário é um mediador de relações sociais e que tanto o vestuário quanto o vestir são classificados e organizados de acordo com o esquema social. Entretanto, ficam por compreender práticas e narrativas sobre vestuário que explicam o processo de vestir no quotidiano das pessoas.

Diante dessa limitação realizei uma etnografia sobre práticas e narrativas sobre vestuário e apoiei-me na teoria da estruturação proposta por Giddens (2003) na qual defende que a organização recursiva das práticas sociais é assegurada pela reflexividade dos actores sociais.

A partir da análise do material etnográfico compreendi que os participantes aprenderam regras sobre vestir inicialmente em casa. Nessa fase, figuras como pai, mãe, e/ou outras da família participaram desse processo. Esses intervenientes instruíram os participantes sobre o que vestir como rapazes ou como raparigas, e a vestir de acordo com o contexto. À medida que os participantes alargaram os espaços de interacção e relações, outros intervenientes participaram do processo e permitiram a aprendizagem de outras possibilidades de vestir.

Percebi, ainda, que no dia-a-dia os participantes têm o contexto como referência para seleccionar e organizar o vestuário. A partir dessa referência, vestem e fiscalizam uns aos outros sobre a observância dos padrões de vestir no contexto em que estão inseridos. As pessoas que, eventualmente, vestem de forma desajustada ao contexto são solicitadas à respeitar as regras.

Esses resultados permitem compreender que no quotidiano o processo de vestir é orientado por diversas práticas e narrativas que tornam possível a manutenção da regra que preconiza

vestir de acordo com o contexto, mesmo que as pessoas alarguem seus horizontes sobre as possibilidades de vestir.

De forma análoga ao que Eicher e Roach-Higgins (1992) afirmam, é o reconhecimento do que é valorizado num certo contexto que possibilita o cumprimento de regras. O conhecimento do contexto permite que os participantes organizem e preparem o vestuário apropriado.

Se por um lado Mezabarba (2010) argumenta que a interacção assume um papel relevante na escolha das roupas, por outro lado os resultados desta pesquisa sugerem que, pelo contrário, é a apreensão do contexto e das relações possíveis nesse contexto que orienta a selecção do vestuário. E, essa apreensão do contexto permite que as pessoas escapem de possíveis constrangimentos no contexto para onde vão.

Este estudo abre possibilidades para a exploração, em pesquisas futuras sobre vestuário, das narrativas e práticas marcadamente presentes no quotidiano e que são do interesse também da pesquisa antropológica.

Referências

Assunção, H. 2018. Falar e Guardar Segredos: As capulanas de Nampula (Moçambique). Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional.

Alvarez, M. 2004. O controle social: notas em torno de uma polémica. *São Paulo em perspectiva*, 18 (1): 168-176.

Bourdieu, P. 2007. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Zouk.

Caria, T. 2000. “A construção etnográfica do conhecimento em ciências sociais: reflexividade e fronteiras”. In: *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento. Pp. 9-20.

Corrêia, S. 2015. “Comprando ‘roupa de brecho’: uma análise sobre o consumo de vestuário de segunda mão entre jovens na cidade do Rio de Janeiro”. *Comum. Mídiae consumo*, 12 (33): 34-56.

Crane, D. & Bovone, L. 2006. “Approaches to material culture: The sociology of Fashion and clothing”. *Poetics*, n.º34:319-333.

Dos Santos, M. 2019. “A elegância como forma de ser e agir: moda, cultura material e performance na ‘Sapelogie’ congoleza”. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 8 (1): 91-104.

Dilley, R. M. 2002. “The problem of context in social and cultural anthropology”. *Language and Communication*, 22 (4): 437-456.

Eicher, J. & Roach-Higgins, M. 1992. “Definition and classification of dress: Implications for analysis of gender roles”. In: R. Barnes and J. B. Eicher (eds.) *Dress and gender: Making and meaning in cultural context*: 8-28. Oxford: Berg.

Ferreira, M. 2000. “Controlo e identidade: a não conformidade durante a adolescência”. *Sociologia, problemas e práticas*, n.º33: 55-85.

Giddens, A. 2003. *A Constituição da Sociedade*. Tradução de Alvaro Cabral, 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes.

Hansen, K. 2004. “The World in Dress: Anthropological Perspectives on Clothing, Fashion, and Culture”. *Annual Reviews*, n.º33: 369-392.

Junod, H. 1996. Usos e Costumes dos Bantu. Arquivo Histórico de Moçambique. Vol. 1 e 2 Maputo.

Lakatos, E. e Marconi, E. 1990. *Sociologia geral*. 6ª ed. (revista e ampliada). São Paulo: Editora Atlas.

Leach, E. 1982. “Da etnografia totalizante a etnografia micro talhada. O meu tipo de antropologia”, In: *A diversidade do antropólogo*. Lisboa: Edições 70. Pp: 117-141.

Manwa, L. e Ndamba, G. 2011. “The Language of dress among the subcultural group of the Zimbabwe people in Masvingo, Zimbabwe”. *Journal of Emerging Trends in Educational Research and Policy Studies*, 2 (6): 436-442.

Norogrande, R. 2010. “No início era roupa”. *Iara*, 3 (3): 360-273.

Peirano, M. 1995. “A Favor da Etnografia” In: *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara. Pp. 31-58.

Pereira, E. L. 2007. “Linguagem e Comunicação: revisão dos conceitos centrais da etnografia da fala”. *Ilha Revista de Antropologia*, 9 (1 e 2): 306-312.

Sahlins, M. 2003. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar

Silva, R. 2015. ““Os bunitin tão virando viandin?”: Performatividade de gênero com dançarinos de passinho, no Rio de Janeiro”. Dissertação de Bacharel em Antropologia. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense.

Teófilo, A. 2010. “Com que linhas se cose o género: A importância do vestuário infantil na construção do género”. Dissertação de mestrado em Antropologia. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Timbane, A. 2012. ““De Maria-rapaz à Lésbicas’: trajectórias identitárias de mulheres que fazem sexo com outras mulheres”. In: LAMBDA. Expressões da homossexualidade em Maputo. Maputo: Lambda, Pp. 19-43.

Wittmann, I. 2019. “A roupa expressa a identidade: moda enquanto tecnologia de género na experiência transgénero”. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 8 (1): 77-90.